

tudo o que  
eu sei  
sobre ~~festas,~~  
~~encontros,~~  
~~amigos,~~  
~~trabalho,~~  
~~a vida,~~ o amor  
dolly  
alderton

“Um livro importante e repleto de reflexões.”

ELIZABETH GILBERT, autora de *Comer, rezar, amar*

“Extremamente engraçado e com uma sensibilidade e um otimismo admiráveis.”

*The Daily Telegraph*

“Repleto de relatos engraçadíssimos de encontros casuais, corridas imprudentes de táxi no meio da noite, apartamentos imundos e da beleza da amizade entre mulheres.”

*Metro*

“Amei tanto que queria que o livro continuasse para sempre.”

MARIAN KEYES, autora de *Melancia*

“Emocionante. Uma narrativa dinâmica que vai provocar altas risadas e despertar a identificação em qualquer pessoa que já foi jovem e apaixonada.”

*Daily Express*

“Uma lufada de ar fresco para todo mundo que já lidou — ou está lidando — com o drama e a comédia do início da vida adulta.”

*Kirkus Reviews*

“Alderton é ao mesmo tempo uma melhor amiga e uma irmã mais velha. Estas páginas são como um abraço aconchegante.”

*Evening Standard*

“Alderton faz uma análise certa das dinâmicas em constante transformação das amizades femininas duradouras.”

*Mail on Sunday*

“Vai te prender e fazer você se identificar desde a primeira página.”

*Grazia*

“Um relato engraçadíssimo e extremamente pessoal sobre como encarar seus vinte anos.”

*Harper's Bazaar*

“Com certeza vai fazer você sorrir.”

*Elle*

“Divertido, emocionante e completamente encantador.”

*The Bookseller*

**Tudo o  
que  
eu sei  
sobre  
...**

~~festas,~~

~~amigos,~~

~~a vida,~~

~~encontros,~~

~~trabalho,~~

dolly  
alderton

Tudo o  
que eu sei  
sobre o

**amor**

tradução  
Ana Guadalupe



Copyright © 2018 by Dolly Alderton

TÍTULO ORIGINAL

Everything I Know About Love

COPIDESQUE

Stella Carneiro

PREPARAÇÃO

Júlia Ribeiro

REVISÃO

Rayana Faria

Juliana Pitanga

Thais Entriel

CAPA ORIGINAL

StudioHelen

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Anderson Junqueira

REVISÃO DE E-BOOK

Maíra Pereira

GERAÇÃO DE E-BOOK

Cumbuca Studio

E-ISBN

978-65-5560-456-6

Edição digital: 2022

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)

 [intrinseca.com.br](http://intrinseca.com.br)

 [@intrinseca](https://twitter.com/intrinseca)

 [editoraintrinseca](https://www.facebook.com/editoraintrinseca)

 [@intrinseca](https://www.instagram.com/intrinseca)

 [@editoraintrinseca](https://www.tiktok.com/@editoraintrinseca)

 [intrinsecaeditora](https://www.youtube.com/intrinsecaeditora)

# Sumário

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

[Elogios](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Sumário](#)

[Dedicatória](#)

[Tudo o que eu sabia sobre o amor quando era adolescente](#)

[Garotos](#)

[Diário dos dates ruins: Doze minutos](#)

[As crônicas da festa ruim: Corredores da UCL, véspera de Ano-Novo, 2006](#)

[Uma porra-louca vai para Leamington Spa](#)

[Receita: Macarrão com queijo da ressaca \(serve quatro porções\)](#)

[Diário dos dates ruins: Um hotel em uma das ruas principais de Ealing](#)

[As crônicas da festa ruim: Cobham, véspera de Ano-Novo, 2007](#)

[10 de novembro](#)

[Meio gorda, meio magra](#)

Tudo o que eu sabia sobre o amor aos 21 anos

Sentinela: minha vida ficando de vela

Coisas que me dão medo

Quando fui a banda de abertura das Spice Girls

As coisas mais irritantes que as pessoas falam

As meninas nada descoladas do bairro nada descolado

Receita: Linguado à Meunière da sedução (serve duas porções)

3 de fevereiro

Receita: Pizza de maçã com sorvete impossível de errar (serve quatro porções)

“Nada vai mudar”

Diário dos dates ruins: Uma conta de restaurante de trezentas libras

As crônicas da festa ruim: Minha casa em Camden, Natal de 2014

Receita: Sanduíche “Me expulsaram da boate”

Diário dos dates ruins: A vez em que bejei de manhã sem beber um pingo de álcool

Tudo o que eu sabia sobre o amor aos 25 anos

Motivos para querer namorar e motivos para não querer namorar

Tottenham Court Road e comprar merda na Amazon

12 de dezembro

Lista de compras da semana

Florence

Receita: Ovos mexidos (serve duas porções)

Mensagens de texto que India, minha colega de casa, me deixou enviar do seu celular fingindo ser ela (também não sei por que ela deixa)

23 de março

Minha psicóloga diz

12 de junho

Heartbreak Hotel

Caí no papo do guru

18 de outubro

Basta

28 coisas que aprendi em 28 anos

Voltando para casa

Tudo o que eu sabia sobre o amor aos 28 anos

Trinta

Receita: Bolo de aniversário do colapso (serve de oito a dez porções)

Tudo o que eu sei sobre o amor aos trinta anos

Agradecimentos

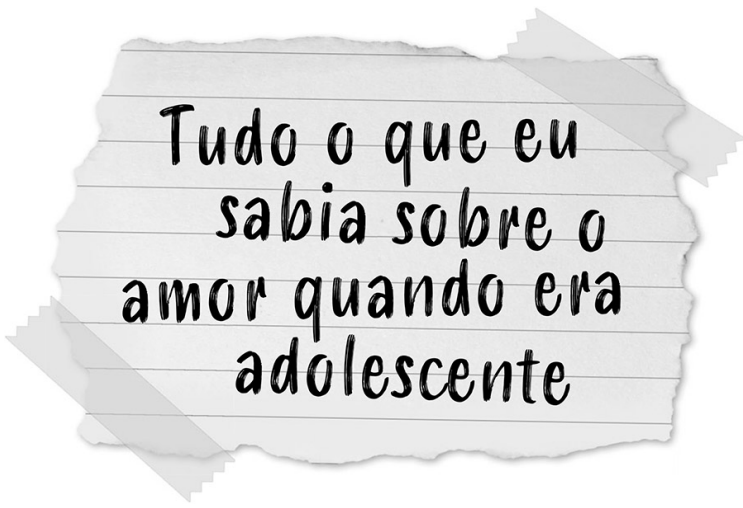
Sobre a autora

Leia também



*Para Florence Kleiner*

# Capítulo 1



Tudo o que eu  
sabia sobre o  
amor quando era  
adolescente

O amor romântico é a coisa mais importante e maravilhosa do mundo. Se você chegou à vida adulta e não encontrou o amor, então fracassou, como tantas das minhas professoras de educação artística que têm cabelo ressecado, usam bijuterias inspiradas em várias culturas e são sempre chamadas de “senhorita”, em vez de “senhora”.

É importante transar muito e com muitas pessoas, mas provavelmente com não mais do que dez.

Quando for uma mulher solteira em Londres, vou ser muito chique e magra, usar vestidos pretos e beber martíni e só vou conhecer homens em eventos de lançamento de livros e vernissages.

Você sabe que é amor verdadeiro quando dois caras saem no soco por sua causa. O ideal é quando sai sangue, mas ninguém vai parar no hospital. Um dia isso vai acontecer comigo, se eu tiver sorte.

É importante perder a virgindade depois dos dezessete anos, mas antes de completar dezoito. Sério: mesmo se for na véspera, não tem problema, mas, se chegar no seu décimo oitavo ano de vida ainda virgem, você nunca vai transar.

Você pode beijar quantas pessoas quiser, e tudo bem, não quer dizer nada, é só treino.

Os caras mais legais são sempre altos e judeus e têm carro.

Os caras mais velhos são os melhores, porque são mais sofisticados e experientes, além de serem um pouco menos exigentes.

As amigas que começam a namorar ficam chatas. Uma amiga que tem namorado só é legal se você também estiver namorando.

Se você *nunca* perguntar sobre o namorado da sua amiga, ela vai acabar entendendo que você acha esse assunto um tédio e vai parar de falar dele o tempo todo.

É uma boa ideia esperar um pouco para se casar, depois de aproveitar a vida. Aos 27 anos, por exemplo.

Eu e Farly nunca vamos nos interessar pelo mesmo cara, porque ela prefere os baixinhos e engraçados, tipo o Nigel Harman, e eu gosto dos mais másculos e misteriosos, tipo o Charlie Simpson, da banda Busted. É por isso que a nossa amizade vai durar para sempre.

Nunca mais vou viver nada tão romântico quanto o dia em que eu e a Lauren fomos tocar no evento de Dia dos Namorados em um pub esquisito em St. Albans e eu cantei “*Lover, You Should’ve Come Over*” e o Joe Sawyer sentou na frente e fechou os olhos porque

antes a gente tinha falado sobre o Jeff Buckley e, resumindo, ele é o único menino que me entende de verdade e pensa parecido comigo.

Nunca mais vou viver nada tão constrangedor quanto o dia em que tentei beijar o Sam Leeman e ele se afastou e eu caí.

Nunca mais vou viver nada tão triste quanto o dia em que o Will Young contou que era gay e eu tive que fingir que não ligava, mas chorei e queimei o livro de couro que tinha ganhado na crisma e no qual tinha escrito sobre a vida que teríamos juntos.

Os meninos adoram quando você é grossa com eles e acham que é coisa de criança e patético se você for boazinha demais.

Quando eu finalmente tiver um namorado, quase mais nada vai ter importância.

# Capítulo 2



Para alguns, o som que definiu a adolescência foi o dos gritinhos de alegria dos irmãos brincando no quintal. Para outros, foi o barulho da correia da bicicleta preferida subindo e descendo aos solavancos. Alguns podem se lembrar do canto dos pássaros no caminho da escola, do som de risadas ou das bolas de futebol sendo jogadas no parquinho. Para mim, foi o som da internet discada da AOL.

Lembro até hoje, nota por nota. Os primeiros toques telefônicos agudos, os barulhinhos fracos e entrecortados que sinalizavam o início da conexão, a nota estridente e contínua que avisava que estava dando certo, seguida por duas batidas ásperas e graves e um chiado. E depois o silêncio mostrava que o pior já tinha passado e você tinha conseguido. “Bem-vindo à AOL”, dizia uma voz suave que enfatizava o “O”. E, logo depois, “você recebeu um e-mail”. Eu ficava dançando pelo quarto ao som da discagem da AOL, para ver se

aquela agonia passava mais rápido. Fiz uma coreografia com passos que tinha aprendido no balé: um *plié* para os toques, um *pas de chat* nas batidas. Repetia esse ritual toda noite quando chegava da escola. Porque essa era a trilha sonora da minha vida. Porque eu passei a adolescência na internet.

Uma breve explicação: eu cresci em uma área residencial afastada do centro de Londres. É isso; essa é a explicação. Quando eu tinha oito anos, meus pais tomaram a cruel decisão de sair de um apartamento de subsolo em Islington e ir morar numa casa maior em Stanmore — a última parada da linha de metrô Jubilee e um dos pontos mais distantes da zona norte de Londres. Era o limite vazio da cidade, uma região que via a diversão de longe, mas não podia participar da festa.

Quando se cresce em Stanmore, você não é nem uma pessoa da cidade, nem uma pessoa do interior. Eu morava longe demais para me enturmar com a galera descolada que frequentava as festas da boate Ministry of Sound, que falava com aquele sotaque charmoso e usava roupas vintage incríveis compradas em brechós em Peckham Rye que sempre eram muito melhores que a média. Mas eu morava longe demais de Chilterns para ser uma daquelas adolescentes coradas que viviam na natureza, usavam blusas de tricô antigas, aprendiam a dirigir o Citroën do pai aos treze anos, faziam caminhadas e tomavam ácido na floresta com os primos. O subúrbio do norte de Londres era capaz de esvaziar a identidade de qualquer um. Era tudo tão bege quanto os tapetes felpudos que decoravam todas as casas, sem exceção. Não havia arte, nem cultura, nem prédios antigos, nem parques, nem lojas que não pertencessem a conglomerados, nem restaurantes. Havia clubes de golfe, franquias

de restaurantes italianos, escolas particulares, garagens, rotatórias, centros comerciais e shoppings com telhado de vidro. As mulheres eram todas iguais, as casas eram construídas do mesmo jeito, os carros eram sempre os mesmos. A única forma de se expressar era gastando dinheiro em bens homogêneos — estufas no jardim, reformas para ampliar a cozinha, carros com GPS integrado, férias em resorts *all-inclusive* em Maiorca. Se você não jogasse golfe, não quisesse fazer luzes no cabelo ou não gostasse de visitar concessionárias Volkswagen, não tinha absolutamente nada para fazer.

Era ainda pior se fosse uma adolescente que vivia à mercê da disponibilidade da mãe para levá-la aos lugares com o supracitado Volkswagen modelo Golf GTI. Por sorte eu contava com a minha melhor amiga, Farly, que morava a cinco quilômetros de bicicleta da ruazinha sem saída onde eu morava.

Na minha vida, Farly era, e continua sendo, diferente de todas as outras pessoas. Nós nos conhecemos na escola aos onze anos. Ela era, e é até hoje, meu completo oposto. Ela tem cabelo escuro; eu tenho cabelo loiro. Ela é bem baixinha, eu sou bem alta. Ela planeja as coisas e marca tudo na agenda, eu deixo tudo sempre para a última hora. Ela ama organização, eu sou mais bagunceira. Ela ama regras, eu odeio regras. Ela é altruísta, eu acho que a torrada do meu café da manhã é tão importante que merece ser protagonista nas minhas redes sociais (em três perfis). Ela é muito focada no presente, eu estou sempre metade na minha vida, metade em uma versão fantástica de um mundo que só existe na minha cabeça. Mas, de algum jeito, a gente dá certo. A maior sorte da minha vida foi o

dia em que a Farly se sentou do meu lado numa aula de matemática em 1999.

A programação do dia com a Farly era sempre a mesma: a gente ficava na frente da TV comendo montanhas de bagels e batatas chips (mas só quando nossos pais não estavam em casa — outra característica da classe média suburbana é o apreço especial por sofás e a proibição de qualquer tipo de comida na sala de estar) e assistindo a sitcoms americanas adolescentes na Nickelodeon. Quando já tínhamos visto todos os episódios de *Irmã ao Quadrado*, *Dose Dupla* e *Sabrina, Aprendiz de Feiticeira*, íamos para os canais de música, encarando, boquiabertas, a tela da TV e alternando entre a MTV, a MTV Base e o VH1 a cada dez segundos, procurando um clipe específico do Usher. Quando nos cansávamos disso, voltávamos para a Nickelodeon e assistíamos, de novo, a todos os episódios das sitcoms americanas adolescentes que tínhamos visto uma hora antes.

\* \* \*

Uma vez Morrissey disse que sua adolescência foi como “esperar por um ônibus que nunca passou”: uma sensação que só piora quando você cresce num lugar que parece uma sala de espera pintada de bege. Eu vivia entediada, triste e solitária, e só conseguia torcer para que a minha infância passasse mais rápido. E, de repente, como um charmoso cavaleiro de armadura reluzente, surgiu a internet discada da AOL no computador desktop grandalhão da minha família. E depois veio o MSN.

Quando baixei o MSN e comecei a adicionar contatos de e-mail — amigos da escola, amigos de amigos, amigos das escolas da região,

que eu não conhecia —, foi como se eu batesse na parede de uma cela de prisão e escutasse alguém bater de volta. Foi como encontrar grama em Marte. Foi como ligar o rádio e finalmente ouvir o chiado se transformando em voz humana. Foi a minha fuga do marasmo suburbano e a minha chegada a um mundo resplandecente de vida humana.

Na minha adolescência, o MSN não era só uma maneira de manter contato com os amigos, era um lugar. É assim que me lembro, como uma sala na qual eu me sentava, fisicamente, por horas e horas toda noite e todo fim de semana até meus olhos ficarem injetados de tanto olhar para a tela. Mesmo quando saíamos do subúrbio e meus pais faziam a caridade de levar meu irmão e eu para passar férias na França, continuava sendo a sala na qual eu ficava todos os dias. A primeira coisa que eu fazia quando chegávamos a uma pousada era descobrir se tinham um computador com internet — em geral um desktop muito antigo num porão escuro —, e depois entrava no MSN e teclava por horas, sem vergonha nenhuma, enquanto um adolescente francês mal-humorado ficava sentado numa cadeira atrás de mim, esperando sua vez de entrar. O sol provençal brilhava lá fora, onde o resto da minha família relaxava na beira da piscina e lia, mas meus pais sabiam que, quando se tratava do MSN, era impossível me tirar de lá. Era onde todas as minhas amizades estavam. Era um espaço só meu. Era a única coisa que eu podia chamar de minha. Como eu disse, era um lugar.

Meu primeiro e-mail foi `munchkin_1_4@hotmail.com`, uma conta que criei aos doze anos na sala de informática do colégio. Escolhi o número 14 porque pensei que mandaria e-mails por apenas dois anos e depois aquilo ia virar coisa de criança, decidi aproveitar essa

nova moda e suas muitas esquisitices até aquele e-mail parar de ser utilizado a tempo do meu aniversário de catorze anos. Só comecei a usar o MSN quando já tinha catorze, e nesse ínterim também tentei usar `willyoungehgato@hotmail.com` para expressar minha nova paixão pelo vencedor da temporada de 2002 do programa *Pop Idol*. Também testei `eu_adiva@hotmail.com` para ver como seria, depois que arrasei interpretando o personagem sr. Snow numa montagem escolar do musical *Carrossel*.

Voltei a usar `munchkin_1_4` quando baixei o MSN, e tirei proveito da imensa lista de contatos de amigos da escola que eu vinha acumulando desde a criação desse e-mail. E então vieram os garotos, e isso foi decisivo. Àquela altura eu não conhecia garoto nenhum. Na verdade, tirando meu irmão, meu priminho, meu pai e um ou dois amigos com quem meu pai jogava críquete, até então eu não tinha convivido com garoto algum. Mas o MSN trouxe os endereços de e-mail e as fotos de perfil desses novos e flutuantes Garotos-Fantasma; eram doados por várias meninas da minha escola — as que saíam com meninos aos fins de semana e depois, num ato de puro altruísmo, distribuía o contato desses meninos pelo corpo discente. Esses garotos seguiam o mesmo circuito no MSN: todas as meninas da escola os adicionavam, e todas ganhávamos nossos quinze minutos de fama conversando com eles.

A origem dos garotos se encaixava em três categorias principais. A primeira: o afilhado da mãe de uma menina ou qualquer amigo da família com quem ela crescera. Esse menino geralmente era um ou dois anos mais velho que nós, era muito alto e desengonçado e tinha voz grave. Também entrava nessa categoria o vizinho de alguém que frequentava outra escola. A outra categoria era a dos primos ou

primos de segundo grau de alguém. Por fim, havia os meninos que alguma menina tinha conhecido nas férias em família, e essa era a opção mais exótica. Esse era o Santo Graal, na verdade, porque o menino poderia ser de qualquer lugar, inclusive de terras distantes como Bromley ou Maidenhead, e lá estava você, falando com ele pelo MSN como se estivessem na mesma sala. Que loucura, que aventura.

Eu logo enchi uma agenda com esses menores abandonados, dedicando a eles uma categoria à parte, intitulada “GAROTOS”. Passava semanas falando com eles — sobre o que prestaríamos no vestibular, nossas bandas preferidas, o quanto a gente fumava e bebia e “até onde” tínhamos “chegado” com o sexo oposto (sempre uma grande obra de ficção elaborada com imenso cuidado). Claro, tínhamos pouca ou nenhuma noção de como os outros eram na vida real; isso foi antes de todo mundo ter celular com câmera ou perfil em redes sociais, então tudo o que tínhamos era a foto minúscula que a pessoa usava no perfil do MSN e a descrição que cada um fazia de si mesmo. Às vezes eu me dava ao trabalho de usar o scanner da minha mãe para digitalizar uma foto de um almoço ou de férias em família em que eu tivesse saído bem, e depois, com toda atenção, recortava minha tia ou meu avô no Paint, mas na maioria das vezes eu acabava desistindo no meio da tarefa.

No universo do colégio, o surgimento dos garotos virtuais trouxe todo um conjunto de conflitos e polêmicas inéditos. Eram incessantes as fofocas sobre quem estava conversando com quem. As meninas começaram a jurar fidelidade a meninos que nunca tinham visto pessoalmente, e para isso bastava adicionar o primeiro nome do menino ao seu nick, com estrelas e corações e underline dos dois

lados. Algumas acreditavam estar num diálogo virtual exclusivo com um garoto, mas, à medida que brotavam, esses nicks contavam outra história. Às vezes acontecia de meninas das escolas vizinhas que você nunca tinha visto te adicionarem só para perguntar se você estava conversando com o mesmo menino que ela. De vez em quando — e esse tipo de coisa virava uma história que umas contavam às outras para alertar sobre tal risco —, você sem querer revelava um relacionamento de MSN ao mandar por engano uma mensagem para o garoto com quem estava conversando na janela de uma amiga. Isso sempre gerava um drama nível Shakespeare.

O MSN possuía regras de etiqueta muito complexas. Se você e um garoto de que gostava estivessem on-line, mas ele não puxasse assunto, uma maneira infalível de chamar a atenção dele era sair e entrar de novo, porque assim ele receberia uma notificação da sua entrada e seria lembrado de que você estava ali, e com sorte isso levaria a uma conversa. Também tinha o truque de ficar on-line sem ninguém saber, caso você quisesse falar apenas com uma determinada pessoa, e era possível fazer isso sem que os outros soubessem. Era um cortejo vitoriano muito complicado e eu era uma participante afoita e disposta.

Essas longas correspondências raramente levavam a um encontro fora da internet, e, quando isso acontecia, era quase sempre uma decepção avassaladora. Tinha o Max com sobrenome hifenizado — um famoso sedutor do MSN, conhecido por enviar relógios Baby G para as meninas pelo correio —, com quem a Farly combinou de se encontrar na frente de uma banca de jornal em Bushey numa tarde de sábado, depois de meses de conversas pela internet. Ela chegou lá, olhou para ele e entrou em pânico, tanto que se escondeu atrás

de uma lixeira. Ela observou enquanto ele ligava sem parar para o celular dela de um telefone público, mas não conseguiu encarar a ideia de um encontro ao vivo e a cores e voltou a pé para casa. Eles continuaram conversando toda noite pelo MSN, por horas a fio.

Eu tive dois. O primeiro foi um encontro às cegas num shopping que durou menos de quinze minutos e foi um desastre. O segundo foi com um menino de um colégio interno da região, com quem eu me correspondi por quase um ano antes de finalmente marcarmos nosso primeiro encontro numa pizzaria em Stanmore. Passamos o ano seguinte numa espécie de relacionamento cheio de idas e vindas — mais idas, porque ele vivia trancado na escola. Mas de vez em quando eu ia visitá-lo, usando batom e levando uma bolsa cheia de maços de cigarro que eu comprava para ele, como um comediante enviado para entreter os soldados na Segunda Guerra Mundial. Ele não tinha acesso à internet no dormitório, então era impossível usar o MSN, mas tentávamos contornar essa questão com cartas semanais e longos telefonemas que levaram a uma conta mensal de telefone fixo de três dígitos e muitos fios de cabelo branco para o meu pai.

\* \* \*

Aos quinze anos, comecei um romance mais intenso do que qualquer outro que já tinha acontecido nas janelas do MSN quando fiz amizade com uma menina de cabelo revoltado, sardas e olhos amendoados com delineado bem grosso chamada Lauren. Nos conhecíamos de vista desde a infância, por conta de uma ou outra festa de aniversário no Hollywood Bowl, mas enfim fomos oficialmente apresentadas pela Jess, uma amiga em comum, num

jantar em uma das várias franquias de restaurante italiano que existem em Stanmore. O jeito como a gente se conectou de cara foi parecido com tudo a que eu costumava assistir nos filmes românticos que passavam na TV. Conversamos até ficar com a boca seca, completamos as frases uma da outra, rimos tanto que as pessoas das outras mesas se viraram para olhar. Jess foi para casa e, quando Lauren e eu fomos expulsas do restaurante, ficamos sentadas num banco morrendo de frio só para continuar conversando.

Ela tocava guitarra e estava procurando uma cantora para começar uma banda, eu tinha cantado num evento meio caído em Hoxton e precisava de uma guitarrista. Começamos a ensaiar covers do Dead Kennedys em versão bossa nova no dia seguinte, no galpão da casa da mãe dela, e nossa banda ganhou o nome provisório de Raging Pankhurst. Depois, numa decisão mais questionável ainda, mudamos para Sophie Can't Fly. Nosso primeiro show foi num restaurante turco em Pinner, com apenas um cliente no salão lotado que não era nosso amigo de escola ou membro de alguma das famílias. Daí em diante nos apresentamos em todos os lugares mais conhecidos: na entrada de um teatro em Rickmansworth, num galpão abandonado no quintal de um pub em Mill Hill, no pavilhão de um clube de críquete nos arredores de Cheltenham. A gente colocava um chapéu no chão e tocava em qualquer rua em que não houvesse polícia. Tocávamos na recepção de qualquer bar mitzvá que aceitasse nos receber.

Também compartilhávamos um hobby que consistia num método pioneiro de transformar nosso MSN em conteúdo multiplataforma. Ainda no começo da nossa amizade, descobrimos que, desde a

criação do MSN, nós duas vínhamos copiando e colando conversas que tínhamos com garotos num documento de Word, imprimindo e guardando as páginas num fichário para ler antes de dormir, como se fosse um romance erótico. Gostávamos de pensar que éramos intelectuais, quase um grupo de Bloomsbury do MSN Messenger do começo dos anos 2000.

Mas, justamente quando fiz amizade com Lauren, saí do subúrbio e fui morar a 120 quilômetros ao norte de Stanmore, num colégio interno misto. O MSN já não era o suficiente para suprir a minha curiosidade pelo sexo oposto — eu precisava descobrir como os garotos eram na vida real. O cheiro de Polo Blue da Ralph Lauren impregnado numa cartinha de amor não me satisfazia mais, nem os bipes de notificação das novas mensagens no MSN. Fui para o colégio interno para tentar me acostumar com os garotos.

(Cá entre nós: graças a Deus tomei essa decisão. Farly ficou até o final do ensino médio preparatório na nossa escola só para meninas e, quando chegou na faculdade sem nunca ter tido contato com garotos, ela parecia um elefante numa loja de vasos de porcelana. Na primeira noite da semana de calouros houve uma “festa do semáforo”, na qual solteiros tinham que usar verde e comprometidos, vermelho. Quase todo mundo entendeu que a ideia era usar uma camiseta verde, mas Farly chegou ao bar do alojamento estudantil usando legging verde, sapato verde, vestido verde e um laço verde gigante na cabeça, além de spray verde no cabelo. Se ela tivesse tatuado ESTUDEI NUMA ESCOLA SÓ PARA MENINAS na testa teria dado na mesma. Agradeço aos céus pela oportunidade de ter tido dois anos de treino de convivência mista no colégio interno,

senão acho que eu também teria caído na armadilha do spray verde na semana dos calouros.)

Eis que descobri que eu não tinha absolutamente nada em comum com a maioria dos garotos e quase nenhum interesse neles, a não ser quando queria beijá-los. E nenhum menino que eu queria beijar queria me beijar, então daria na mesma se eu tivesse continuado em Stanmore, cultivando uma série de relacionamentos que só existiam nos campos férteis da minha imaginação.

Espero muito do amor e atribuo a culpa dessa expectativa a duas coisas: a primeira é que sou filha de um casal tão apaixonado que chega a ser constrangedor, a segunda são os filmes a que assisti nos meus anos de formação. Quando criança, eu nutria uma estranha obsessão por musicais antigos e, depois de crescer viciada nos filmes de Gene Kelly e Rock Hudson, eu simplesmente esperava que os garotos se comportassem com aquela elegância, aquele charme. Mas a escola mista acabou bem rápido com esse sonho. Um bom exemplo foi minha primeira aula de política. Eu era uma das duas únicas meninas em uma turma de doze alunos, e nunca tinha estado com tantos garotos no mesmo ambiente na minha vida inteira. O mais bonito deles, que já tinham me informado ser o galã da escola (seu irmão mais velho, que se formara no ano anterior, tinha o apelido de Zeus), me entregou um pedaço de papel por baixo da mesa enquanto o professor explicava o que era o voto proporcional. O bilhete estava dobrado e tinha um coração desenhado na frente, o que me fez concluir que se tratava de uma cartinha de amor, por isso o abri com um sorriso tímido. Mas, quando desdobrei o papel encontrei o desenho de uma criatura, convenientemente acompanhado de uma

nota que me informava ser um orc de *O senhor dos anéis*, e “PARECE COM VOCÊ” escrito embaixo.

Farly ia me visitar nos fins de semana e ficava babando pelas centenas de meninos de todas as formas e tamanhos que andavam pela rua carregando bolsas esportivas e tacos de hóquei. Ela me achava muito sortuda por ter a chance de ficar perto deles nos bancos da capela toda manhã. Mas, fora da fantasia, achei os garotos um tanto decepcionantes. Eles não eram tão engraçados quanto as meninas que eu tinha conhecido na nova escola, nem tão interessantes, nem tão simpáticos. E, por algum motivo, eu nunca conseguia ficar relaxada perto deles.

\* \* \*

Quando terminei o ensino médio, eu já não usava o MSN como antes. Meu primeiro trimestre na Universidade de Exeter chegou e, com ele, o advento do Facebook. Para quem queria conhecer caras pela internet, o Facebook era o mapa da mina — e dessa vez era melhor ainda, porque você tinha todas as informações mais essenciais reunidas no mesmo lugar. Eu vivia olhando as fotos dos meus amigos da faculdade e adicionava todos que achava bonitos — isso rapidamente se transformava em uma longa troca de mensagens e encontros marcados em uma das muitas festas temáticas programadas para aquela semana. Eu estudava num campus universitário numa cidade de Devon conhecida por sua catedral, não era difícil achar as pessoas. Se o MSN tinha sido uma tela em branco na qual eu podia espalhar minhas fantasias detalhadas, as mensagens de Facebook eram uma ferramenta de encontros

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Tudo o que eu sei sobre o amor" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).